



Data: 08.04.2020

Título: O mal, a cultura e a esperança

Pub:

JL

QuickCom
comunicação integrada

Tipo: Jornal Nacional Quinzenal

Secção: Nacional

Pág: 1;6;7

FRENTE À COVID-19

ARTE CIENCIA RESISTÊNCIA

**Face à nova 'peste', o conhecimento, a cultura e a criação
são formas de combate e sementes de esperança**

Ensaios de Alexandre Quintanilha, Boaventura de Sousa Santos, Carlos Fiolhais e Miguel Real. As crónicas de António Mega Ferreira, Daniel Tércio, Patrícia Portela, Tiago Rodrigues, Valter Hugo Mãe e Viriato Soromenho-Marques. Reportagem de Maria Leonor Nunes e Diário de Eugénio Lisboa

Área: 1448cm² / 57%

FOTO

Cores: 4 Cores

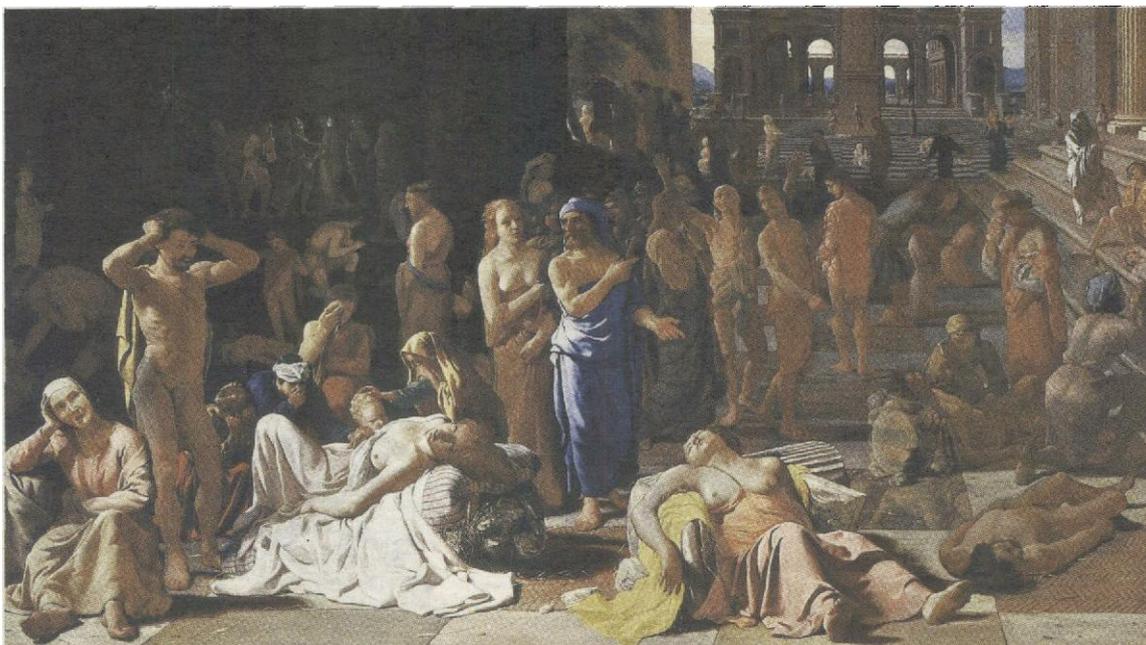
ID: 6797658

FRENTE À COVID 19 – ARTE, CIÊNCIA, RESISTÊNCIA

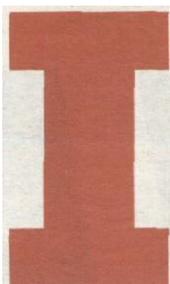
O flagelo do novo corona vírus continua a assolar o planeta. Estamos perante uma situação dramática, de muito graves e em grande parte ainda imprevisíveis consequências, a todos os níveis. Aqui no JL já lhe dedicamos a capa e o tema da última edição, o que volta a acontecer nesta. Em ambas não num registo informativo, claro, mas com distintos ângulos de abordagem, em textos quer de nossos colunistas e colaboradores regulares, quer de outras personalidades – como, hoje, reconhecidos cientistas e académicos. Além disso, com este Tema têm a ver, de uma forma ou outra, numerosos textos da edição, como o de Viriato Soromenho-Marques, nas Ideias, os de Rogério Miguel Puga e Duarte Azinheira, nas Letras, as crónicas de Tiago Rodrigues, nas Artes, e as de Eugénio Lisboa, Valter Hugo Mãe e Gonçalo M. Tavares no Debate-Papo – além da reportagem de abertura, do comentário de JCV e de Alberto Manguel se lhe referir

O mal, a cultura e a esperança

MIGUEL REAL



A Peste de Atenas, pintura de Michiel Sweerts, séc. XVII



Independentemente das diversas teorias que o fundamentam, o Estado nasceu para dar protecção à comunidade, o que não significa que as entidades que o compõem não o cativem como modo de manipulação ou exploração da população. É o elemento perverso do Estado e dele nascem as tiranias, as oligarquias, as ditaduras. Mas, na essência e na origem, os habitantes de uma comunidade delegam a sua representação num conjunto singular de elementos, os dirigentes, cujas palavras e ação se destinam a prestar segurança

a todos. Do ponto de vista da evolução histórica de uma comunidade, o valor da segurança é superior ao da liberdade, este, como ideal de uma sociedade, só emerge a partir dos séculos XVI e XVII.

Por seu lado, a cultura, de um modo geral e num sentido longo, desenha-se como o manto de visões do mundo, de perspectivas de interpretação da realidade, de comportamentos padrão que, acumulados de geração em geração, constituem o panorama mental e social por que uma comunidade decifra e enfrenta

a realidade, transformando-a segundo os seus interesses e desejos e a sua previsível construção do futuro.

Ora, de um modo radical, a presente pandemia do coronavirus vem quebrar estes dois pressupostos que modelam a tradicional existência do cidadão comum, devido à emergência de algo não só não previsível, sobretudo na Europa e nos países tecnologicamente desenvolvidos, como fragilizando o Estado ao nível da protecção do cidadão. O atual sentimento individual e coletivo de

medo, mesmo pavor, nasce desta fratura radical entre a antiga normalidade e o vazio mental e existencial que o presente oferece e o futuro anuncia, como que antecipando uma ou duas décadas os efeitos sobre a sociedade do resultado das alterações climáticas produzidas pelo Antropoceno anunciadas pelos cientistas já este século.

É A SITUAÇÃO EM QUE PORTUGAL, a Europa e o mundo se encontram: o tempo está suspenso e nada nessa cultura e nos padrões da nossa educação nos prepararam para o embate com uma situação de quase total insegurança, contra um mal invisível. Em menos de um mês, sentimo-nos ceifados de todas as raízes históricas, sociais e culturais que tinham feito a nossa existência e, desorientados, não sabemos como retomá-las. É o mais profundo sentimento de angústia, um desenraizamento total, como se vissemos gorar a nossos pés todos os projetos individuais e todos os sonhos coletivos e o futuro se apresentasse vazio.

Reacção? Do Estado, continuar a sua função principal, dando-nos a proteção possível, o que, com deficiências, está a ser feito em Portugal (estado de emergência, confinamento, Serviço Nacional de Saúde, planos do Governo para aliviar a questão económica e financeira das empresas e do cidadão), uma proteção no entanto tão fragilizada que, individualmente, nos sentimos mais inseguros do que nunca. Culturalmente, regressar ao passado e encontrar nas nossas âncoras históricas, o refúgio quebrado pelo presente, suavizando o sentimento de angústia e atenuando o de medo.

E o que é que a cultura (estética, histórica, social) nos ensina, de um modo provado, dando-nos alguma esperança, já que o medo só se vence com a esperança de um bem futuro? Que o homem, historicamente falando, tem sempre vencido o mal, dominando-o ou aligeirando-o, transformando o mal passado num elemento secundário. Em síntese, o bem é um arranjo ético-social que perdura, um equilíbrio que provisoriamente se mantém, normalizando comportamentos e instituições,

definindo limites sociais e culturais que não devem ser ultrapassados.

O mal reside em quatro elementos: a morte ou a perda de bens possuídos, a dor física, o sofrimento psíquico e a escassez de recursos (a fome, a sede, a miséria). Neste sentido, o mal é invencível, ou mil vezes vencido, logo retorna majestaticamente, é um absoluto, a que o homem se sujeita, evitando-o, minimizando-o, sempre provisoriamente o vencendo. O vírus, hoje, é a nova face do mal: a morte possível, a perda de bens ou rendimentos, o sofrimento psicológico, num cruzamento de angústia e de medo, e a eminência futura de escassez de recursos.

Porém, se o mal faz parte ontológica da natureza humana (e o Antropoceno prova-o de modo claro e evidente, igualmente provado pela contínua extinção de inúmeras espécies provocada pela ação humana), a esperança também o faz. Como Ernst Bloch provou nos três volumes do *Princípio da Esperança* (1954-1959) e como as contínuas utopias bondosas criadas pelo homem igualmente provam. A esperança reside na crença de que o futuro, em geral ou simplesmente a vida de um homem, será melhor do que o passado, ou, pelo menos, igual ao presente. O ceticismo e o pessimismo residem na perda da capacidade total ou parcial de esperança. Em cada um de nós, neste momento, a luta contra o ceticismo e o pessimismo deve ser o grande combate de todos os dias e a reafirmação da esperança o antídoto contra o vírus, uma esperança estilhaçada pelos efeitos visíveis, fragilizada, mas que deve voluntariamente ser mantida.

OS PERÍODOS PASSADOS EM QUE O HOMEM europeu se sentiu como nós nos sentimos de há um mês para cá, tornaram-se em sementes de transformações culturais riosas, de criação de obras de arte luminosas, de invenções técnicas e descobertas científicas que alteraram para melhor os nossos modelos de comportamento e até a nossa visão do mundo. Como exemplo, recordemos a Europa desde a peste negra (meados do século XIV) até ao final do Renascimento (século XVI-XVII). A Europa viu ser morta cerca de um

terço da sua população pela peste, viu ser destruída a normalidade do abastecimento dos campos para as cidades, viu estas crescerem desordenadamente, foi social e economicamente dizimada no seu centro pela Guerra dos Cem Anos e, no sul, pela guerra entre Portugal e Castela, o catolicismo perdeu o domínio da consciência social europeia e dividiu-se, emergindo as igrejas luteranas. A escrita tipográfica nascera, o mundo fechado herdado de Roma dá origem a um mundo pela primeira vez global, o comércio internacional surge, a medievalmente desprezada cultura grega e latina renasce, os Descobrimentos mudam a visão que o homem tinha de si próprio.

Imaginemos o terror que cada europeu deve ter sentido nestes tempos de descontinuidade quando, à sua frente, desaparecia tudo o que desde há mil anos se habituara a viver. Mas, no final, emerge, vai emergindo, uma nova criatividade, resplandece a arquitetura neo-clássica italiana, uma nova literatura europeia, dando menor valor a Deus, uma nova criação pictórica, novas filosofias e teologias e, sobretudo, nasce a visão científica do mundo que ainda hoje nos domina e que se encontra na linha da frente do combate contra o coronavírus.



Miguel Real

JOSÉ CARLOS CARVALHO

Neste momento, a luta contra o ceticismo e o pessimismo deve ser o grande combate de todos os dias e a reafirmação da esperança, o antídoto contra o vírus



Data: 08.04.2020

Título: O mal, a cultura e a esperança

Pub:



Tipo: Jornal Nacional Quinzenal



Secção: Nacional

Pág: 1;6;7

Outro exemplo histórico: a Grécia clássica entre o mundo homérico (séculos XI e X a.C.) e a emergência da democracia e da filosofia (séculos V e IV a.C.), no qual, em não pouco momentos, o heleno deve ter experimentado o pavor que hoje sentimos: o aparecimento da cidade e a total destruição dos vínculos rurais (Hesíodo), a demolição dos laços tribais e o nascimento do cidadão, a vitória de Esparta sobre Atenas, arrasando as muralhas da cidade, por duas ou três vezes os bárbaros persas à porta da Hélade... Em cada uma destas situações, o grego não deve ter sentido menor medo que aquele que hoje nos invade, mas dele e da conseqüente angústia, da desorientação social e individual, do vazio de futuro coletivo, nasceram, criativamente, as três maiores contribuições da Grécia para a humanidade: as sementes da democracia, o teatro (sobretudo a tragédia, espelhando culturalmente o ambiente social trágico) e a filosofia a substituir a antiga mitologia.

O CORONAVÍRUS, E O MEDO DELE, que hoje esvazia as ruas, criando o terror à nossa volta, não é superior à esperança que sempre acalentou o homem. E se cada um em sua casa, hoje, cria uma nova rotina forçada, os escritores, os pintores, os músicos, os artistas em geral, homens como

Imaginemos o terror que cada europeu quando à sua frente desaparecia tudo o que desde há mil anos se habituara a viver. Mas, no final, emergiu uma nova criatividade

É possível que após esta pandemia se vejam os resultados culturais e uma nova visão do homem, mais amigo da natureza e do Outro

os outros, animados por emoções insólitas ligadas ao mal e ao medo, encontrar-se-ão já imbuídos desse húmus caótico do qual nascerão doravante grandes obras de arte. Como dizia Hegel, “a ave de Minerva levanta-se ao entardecer”, quer dizer, é possível que após a passagem desta pandemia se vejam os resultados culturais e, quem sabe, uma nova

visão do homem que há muito está a ser preparada, um homem mais amigo da natureza e do Outro.

Eduardo Lourenço, quando jovem, na sua estada em Paris, escreveu um texto (que não consigo identificar agora) em que falava da personagem de um romance, salvo erro de Somerset Maugham, que nos últimos dias de vida se levanta da cama, vai ao quintal e planta uma bolota de carvalho. É a realização concreta do princípio da esperança: ele nunca verá o carvalho elevar-se na paisagem, mas foi o seu contributo para que a vida continuasse. Que cada um de nós, hoje, neste tempo suspenso, perante um futuro vazio, plante a sua bolota – uns escrevendo, outros pintando, outros compondo, outros fazendo teatro, cinema, animação, jornalismo, trabalhando nas suas profissões. Aqui à minha frente, vejo da janela a senhora da câmara, solitária, fardada de verde, a recolher o pouco lixo das ruas de Colares e na casa ao lado, do Exército de Salvação, um rapaz ou uma rapariga ensaia tocando tuba (pelo som que ouço à distância parece uma tuba). É a bolota deles. ■■